



Evangelização: os 50 anos da exortação *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI

Evangelization: the 50th Anniversary of Paul VI's
Apostolic Exhortation *Evangelii Nuntiandi*

*Luiz Fernando Lima Rangel**

Recebido em: 02/06/2025. Aceito em: 10/09/2025.

Resumo: A evangelização é um compromisso fundamental na Igreja. Todos, de forma direta ou indireta, têm a missão de evangelizar. Como cristãos batizados, que vivem e celebram a eucaristia, são enviados a ser promotores da justiça, tornando Cristo crucificado e ressuscitado presente por meio de suas palavras e testemunho. O compromisso missionário foi renovado no Concílio Vaticano II, quando a Igreja atualizou suas ações, palavras e métodos de evangelização. O Sinodo da Evangelização, nos documentos do Vaticano II, foi incentivado por Paulo VI com o objetivo de fortalecer a missão evangelizadora no mundo com a publicação da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, que completa 50 anos em 2025. Neste sentido, este texto apresenta alguns pontos importantes para a renovação do compromisso missionário com a Igreja, trazendo a *Evangelii Nuntiandi* como atualização da abordagem evangelizadora proposta pela *Evangelii Nuntiandi*, considerando os desafios do século XXI, como o individualismo, a exclusão social e as crises econômicas e culturais. O objetivo desta reflexão é reler o documento e, à luz do sentido missionário no mundo atual, destacar o papel da Igreja, que por natureza é missionária, atuando em todos os tempos para o conhecimento e o testemunho de Cristo.

Palavras-chave: evangelização; salvação; Igreja.

Abstract: Evangelization is a fundamental commitment of the Church. Everyone, directly or indirectly, has the mission to evangelize. As baptized Christians who live and celebrate the Eucharist, they are sent forth to be promoters of justice, making the crucified and risen Christ present through their words and witness. The missionary commitment was renewed at the Second Vatican Council, when the Church updated its actions, language, and methods of evangelization. The Synod on Evangelization, in the documents of Vatican II, was encouraged by

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2024). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017). Graduado em Teologia e Filosofia (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012).
E-mail: freiluzfernando@hotmail.com.





Paul VI with the aim of strengthening the evangelizing mission in the world with the publication of the Apostolic Exhortation Evangelii Nuntiandi, which will celebrate its 50th anniversary in 2025. In this sense, this text presents some important points for the renewal of the missionary commitment to the Church, bringing Evangelii Gaudium as an update of the evangelizing approach proposed by Evangelii Nuntiandi, considering the challenges of the 21st century, such as individualism, social exclusion, and economic and cultural crises. The purpose of this reflection is to reread the document and, in light of the missionary sense in today's world, highlight the role of the Church, which is missionary by nature, acting at all times for the knowledge and witness of Christ.

Keywords: evangelization; salvation; Church.

Introdução

O papa Paulo VI, com o encerramento do Concílio Vaticano II (1962-1965), convida todos a repensar as propostas evangelizadoras anunciadas no Concílio. Era necessário aplicar instrumentos e métodos para evangelizar na Igreja. Paulo VI, no ano de 1974, após o Sínodo da Evangelização, apresenta alguns pontos importantes sobre o envio missionário e pregação da Palavra na Igreja na exortação *Evangelii Nuntiandi*. A Igreja se vê chamada à sua vocação essencial de levar o Evangelho de Cristo (Mc 16,15). Porém, um mundo em conflito, o avanço da riqueza e articulações políticas retiravam do mundo a luz do Cristo. A urgência era avançar no mundo o pensamento da verdade, da ética e da moral. Somente a Igreja repensando seu processo e sua vocação poderia novamente testemunhar o seu anúncio missionário e evangelizador.

No ano de 1975, com a conclusão do Sínodo dos Bispos sobre a Evangelização, Paulo VI publica a *Evangelii Nuntiandi*, apresentando os desafios para a proclamação do Evangelho no mundo. Neste texto, aponta a vocação principal da Igreja que é a evangelização. O documento mostra diversos pontos importantes aos cristãos para serem motivados a continuar a missão deixada por Cristo. A grandeza deste documento está em trazer uma reflexão sobre os valores da missão em nosso contexto – mesmo 50 anos depois de sua aprovação, o documento nos traz luzes para renovar, motivar a proclamar o Cristo ainda neste tempo presente.

Neste artigo, trazemos alguns aspectos fundamentais do documento, analisando o papel da evangelização na vida da Igreja e observando um processo que se dá pela adesão ao conhecimento e à espiritualidade, seu reflexo nas escolhas pessoais, dando o equilíbrio entre o anúncio e o testemunho.



No processo de atualização da exortação de 1975, a *Evangelii Gaudium*, proclamada pelo papa Francisco em 2013, revela-se como a continuidade pastoral e missionária da *Evangelii Nuntiandi*, mantendo as mesmas diretrizes da evangelização, atualizando suas formas e percebendo os novos desafios do mundo contemporâneo.

1 Jesus chama os apóstolos e os envia em missão

No Evangelho segundo Marcos, Jesus vai até o Rio Jordão (Mc 1,9) para ser batizado por João Batista, conforme a profecia de Isaías. Em seguida, retira-se para o deserto, onde é tentado por Satanás (Mc 1,12), e depois dirige-se à Galileia para proclamar a Boa Nova. Ali tem início a sua missão evangelizadora: chama os primeiros discípulos às margens do mar da Galileia para serem “pescadores de homens” (Mc 1,16), constituindo o grupo dos doze apóstolos (Mc 3,14), a fim de enviá-los em missão.

A evangelização da Galileia ocorre após o batismo de Jesus, momento em que o Pai envia o Espírito Santo (Mc 1,11). Observa-se então o anúncio do Reino de Deus:

Andar de cidade em cidade a proclamar, sobretudo aos mais pobres, e muitas vezes os mais dispostos para o acolher, o alegre anúncio da realização das promessas e da aliança feitas por Deus, tal é a missão para a qual Jesus declara ter sido enviado pelo Pai. E todos os aspectos do seu mistério, a começar a própria encarnação, passando pelos milagres, pela doutrina, pela convocação dos discípulos e pela escolha dos doze, pela cruz, até a ressurreição e à permanência da sua presença no meio dos seus, fazem parte da sua atividade evangelizadora (EN n. 6).

O batismo de João revela-nos a livre decisão do povo de “toda a região da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém” (Mc 1,5) em arrepende-se do pecado. Motivados pelo testemunho de João, as pessoas chegavam às águas do Rio Jordão desejosas de uma vida iluminada em vista do projeto de salvação. Em Marcos, a evangelização marca o tempo novo e provoca a conversão: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

A evangelização de Jesus inaugura uma nova etapa do povo de Israel. Suscita a consciência de mudança, a saírem do pecado e desejar a santidade, revelando Jesus, o Messias, o esperado e Filho de Deus,



para o conhecimento do seu ministério. O batismo então aponta para a paixão redentora do Filho de Deus, em que Jesus, ao submergir nas águas do rio Jordão, entrega todo o seu amor à humanidade. Por isso, no batismo, temos a experiência salvífica de Cristo: “Ele foi batizado nas “águas da morte” (Lacocque, 2015, p. 193) para remissão dos pecados da humanidade.

João anuncia aquele que batizará com o Espírito Santo. A missão de João, ainda que pessoal, traz um profundo sentido comunitário, proclama o batismo de arrependimento a todos que o buscavam. Cumpre-se a promessa da Aliança, anunciada pelos profetas, e sendo confirmada na nova aliança, pela voz do Pai. Jesus recebe o Espírito Santo e, conduzido por Ele, enfrenta as tentações e dá início à sua missão. A evangelização é iniciada em Cristo e continua entre nós, a Igreja, através da força do Espírito Santo.

Jesus chama os apóstolos para serem seguidores e estes respondem prontamente ao chamado, “não escolhendo outras propostas, mas entrando no grupo que irá responder a Jesus” (Donahue; Harrington, 2002, p. 31). Serão obedientes e dedicarão suas vidas ao projeto evangelizador. Eles seguem o caminho (Mc 1,19), como relata o Evangelho de Marcos. Temos, ainda, outros personagens importantes “que estão próximos de Jesus em momentos cruciais ou que são o público de seus importantes ensinamentos (Mc 4,10)” (Donahue; Harrington, 2002, p. 32). Observamos a sogra de Pedro (Mc 1,30), ela serve os discípulos, depois de sua cura, e se torna servidora. Ela agora está curada, recuperada em sua dignidade e serve a Jesus e aos discípulos com gratidão. No Evangelho de Marcos, observamos que ainda outros se encontraram com Jesus e tomaram com intensidade a missão apostólica, como Bartolomeu e José de Arimateia, que assumem o compromisso evangelizador, tornando-se “modelos da intimidade em sua própria tentativa de mudar de ideia e crer no evangelho” (Donahue; Harrington, 2002, p. 31).

Jesus escolheu os apóstolos com o desejo de que fossem portadores da “mensagem pascal desde o começo” (Ratzinger, 2015, p. 94) de sua missão evangelizadora. Contudo, não é possível estabelecer o motivo da escolha dos Doze, tampouco examinar toda a extensão do mistério proposto por Cristo a eles.

Temos, no entanto, algumas indicações bastante significativas, como o mistério pascal, revelado após a morte e ressurreição de Cristo, e a descida do Espírito Santo em Pentecostes. Nesses dois fatos, vemos os



apóstolos presentes, exercendo a mesma estrutura simbólica dos Doze e, obedecendo ao sinal da escolha, permanecendo unidos a Cristo. Assim, constituem um símbolo escatológico e definitivo do Reino de Deus.

Sobre a escolha dos Doze, conforme afirma Ratzinger:

Em primeiro lugar, não há dúvida de que os Doze simbolizam o povo de Israel (cf. Mt 19,28; Lc 22,29s.: “[...] os sentareis sobre doze tronos para julgar as doze tribos de Israel”). Antes todos constituem um símbolo escatológico e definitivo, Israel do tempo da Salvação e são uma chamada ao Israel atual para que se reúna em torno da fé e a mensagem de Jesus sobre o Reino. O simbolismo de os Doze, que é o anúncio da reunião definitiva do povo de Deus, inclui as ideias do povo de Deus e aliança de Deus (Ratzinger, 2015, p. 95).

Os apóstolos prontamente respondem ao chamado, seguem e adere-m ao projeto de Jesus, tornando-se parte da missão. Serão obedientes e discernirão o projeto evangelizador de Jesus no mundo, “a começar da própria encarnação, passando pelos milagres, pela doutrina, pela convocação dos discípulos e pela escolha e envio dos doze, pela cruz, até a ressurreição e à permanência da sua presença no meio dos seus, fazem parte da sua atividade evangelizadora” (EN n. 6). A missão proposta por Cristo se dá pelo anúncio dos discípulos. Após a Ressurreição, Jesus ordena-lhes: “Ide por todo o mundo, proclamando a boa notícia a toda humanidade” (Mc 16,15). Eles continuarão a missão em obediência ao Mestre.

O compromisso missionário e evangelizador nasce da experiência da pregação, ação da vida de Cristo na vida dos apóstolos. Portanto, a missão de Cristo motiva os discípulos às “ações de solidariedade, justiça, compaixão, busca da verdade, luta pela liberdade, respeito aos direitos humanos” (França, 2009, p. 137), renovando neles o ardor missionário, apesar das ameaças e do medo dos judeus.

A missão de Jesus não se limita a proclamar a vinda do Reino de Deus em palavras, mas se dá em ações concretas. A Palavra revelada deve se dar em experiências dos discípulos, com atitudes de misericórdia e serviço, revelando o Cristo – Ele que esteve com pobres, doentes, pecadores e marginalizados, dando testemunho de sua entrega na Cruz em favor da conversão dos pecados. Não existe evangelização sem o testemunho e sem a Palavra que é Jesus. Ela só acontece, sim, com a experiência do Cristo.



Evangelizar é perdoar. Outra via importante para acontecer a evangelização é o perdão de si e dos outros, de ofensas e maldades. O coração em pecado pode ser um grande desafio para a clareza do anúncio. Ao serem perdoados os pecados, a Igreja evangeliza: “ter fê em Jesus Cristo, ou simplesmente ser cristão, implica seguimento, investimento da liberdade, opções concretas, vida comprometida” (França, 2019, p. 15). O perdão rompe o mal, transformando no bem a comunhão fraterna.

2 A ação evangelizadora na vida da Igreja

A evangelização é tarefa confiada a todo cristão batizado, portanto, esta “[...] tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja” (EN n. 14). Esse bem, dado como graça divina, é o centro da vocação da Igreja, mostrando sua própria identidade. Não se configura privilégio de uma pessoa ou grupo específico, mas é confiada a todos, independentemente de seus lugares ou culturas. A tarefa de evangelizar está primeiramente em comunicar o Evangelho, usando palavras, em diálogo e transmitindo com nitidez. Realiza nos destinatários o testemunho pessoal. Tal tarefa requer, daquele que anuncia, a coragem e o discernimento, observando as circunstâncias e os métodos. Temos a definição de evangelização sugerida pelo Sínodo de 1974, e proclamada na exortação *Evangelii Nuntiandi*:

Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é memorial da sua morte e gloriosa ressurreição (EN n. 14).

A Igreja evangeliza diariamente pela liturgia eucarística, compreendendo a si mesma como anuncia o Evangelho para a via de conversão, percebendo a sociedade e suas demandas, anunciando de forma clara e simples. Observa, também, as tentações humanas e as ideologias que afastam de Deus neste tempo. Assim, a Igreja evangeliza provocando reflexões sérias ao mundo, e, conseqüentemente, o Evangelho vai sendo pregado, indicando uma referência de conduta humana, servindo para ajudar a humanidade no discernimento ético e moral.

Como observamos, o Concílio Vaticano II percebeu a transformação humana, tecnológica, econômica e cultural por que passara a humanidade nos últimos séculos, revelando a preocupação não só com a



condução interna da Igreja, mas também com a sua capacidade de evangelização. A força e a energia sempre conduziram a Igreja a serviço da missão evangelizadora, já que “[...] a Igreja é, por natureza, missionária” (Kasper, 2013, p. 191). Apesar da origem da Igreja ser missionária há hoje inúmeros entraves diante das crises mundiais que inibem sua disponibilidade em transmitir o Evangelho, impactada por ameaças como: “[...] a repressão, a injustiça, a guerra, a tortura, o terrorismo e outras situações de violências” (Kasper, 2013, p. 192).

Tais situações conduziram a Igreja a ser sinal da cruz e do crucificado, em vista dos grandes sofrimentos humanos, expondo palavras que denunciam sofrimentos e muitas vezes levando os líderes mundiais a cuidarem melhor dos seus cidadãos, cristãos ou não. Assim, o papel evangelizador da Igreja “[...] significa ser sinal a todos os valores verdadeiramente humanos, em especial a defesa da dignidade humana e dos direitos humanos fundamentais, assim como a paz, a liberdade e a justiça” (Kasper, 2013, p. 193).

As palavras anunciadas não podem ser vazias, devem apresentar sempre o Cristo, mesmo em ambientes – com diferentes níveis culturais, sociais e econômicos – em que muitos não querem ouvir mais sobre a fé. Este anúncio precisa promover a experiência da conversão, visando compartilhar “o amor de Deus e o amor ao próximo” (Kasper, 2013, p. 362). Tal experiência corresponde ao desejo do Concílio Vaticano II em “[...] ser interpretação do *aggiornamento* [que] se move no sentido do axioma clássico: a graça pressupõe a natureza, a protege e a defende, portanto, e leva a sua realização de modo sobrepujante por o caminho da cruz” (Kasper, 2013, p. 193).

Na ação evangelizadora, os meios utilizados, nas mais diversas ferramentas de comunicação, são importantes aliados – e podem se dar em ambientes virtuais ou fora dos lugares físicos da Igreja, e devem caminhar na direção dos “termos de anúncio de Cristo” (EN n. 17). É importante ressaltar a responsabilidade em fomentar uma boa catequese, sem trazer o aspecto ideológico conservador. A catequese nestes ambientes precisa ser equilibrada entre anúncio e doutrina, sem gerar discussões fundamentalistas ou distorções entre os membros da Igreja. Neste tempo, se faz necessária a atenção aos ambientes internos da Igreja, pois havendo uma ruptura fraterna, podem ocorrer distorções entre aqueles que anunciam e os que ouvem a mensagem.



No final do Sínodo da Evangelização e com a exortação *Evangelii Nuntiandi*, viu-se os esforços em recuperar a vontade de evangelizar e distinguir os meios para que isso se desenvolvesse. O resultado da evangelização, no anúncio de Paulo VI, seria efetivado ao trazer as pessoas à esperança em ser cristãs, dados pelo testemunho. Por isso, a Igreja evangeliza e “[...] procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios” (EN n. 18). O papel da evangelização é o da mudança pessoal, acontecendo do interior ao exterior. A conversão do coração de forma pessoal é o primeiro instrumento evangelizador para que possa acontecer a evangelização como um todo na Igreja.

Assim, o papel evangelizador pode chegar às massas, às diversas culturas e religiões, assistindo as populações pela força do Evangelho. Pode auxiliar as pessoas em sua capacidade de julgar a realidade, fazendo com que elas percebam as diversas formas que corrompem a dignidade humana, e promover uma espiritualidade pessoal que suscite os valores que foram pregados e vividos por Cristo.

Outro dado importante no papel da ação evangelizadora é o testemunho que a comunidade evangelizadora pode dar nos lugares onde se encontra. A melhor pregação é a vida de cada cristão, que deve zelar com empenho a promoção, no mundo, dos valores de esperança, paz e justiça. O testemunho da vida do cristão é a “[...] proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa Nova” (EN n. 21). Pelo testemunho da vida pessoal do cristão, são valorizadas as experiências comuns na vivência sacramental.

Vemos que a evangelização é comunitária, está entre as pessoas, nos lugares e em situações do tempo presente, anunciando o *kerigma*. A partir do anúncio kerigmático, as pessoas aderem com o coração e consciência às palavras e ao testemunho dado, podendo isso resultar em transformação individual. Consequentemente, o testemunho entra na vida do cristão e estimula a viver uma vida nova. A Igreja é a porta-voz dessa mensagem, sendo ela o sacramento visível da ação espiritual de Deus.

Nos espaços eclesiais, o cristão é convidado a ser evangelizado pela vida partilhada, pela amizade recíproca e pela vida sacramental, manifestando todos os dias a ação do Espírito, a presença misteriosa do Cristo e a sua graça. Portanto, “[...] aquele que foi evangelizado, por sua vez, evangeliza” (EN n. 24). Consequentemente, a evangelização engloba um processo em via de transformação da realidade: “renovação da



humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão de coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado” (EN n. 24). Ela acontece diariamente contextualizada nas culturas e lugares.

A vivência da evangelização assume o caráter sacramental, acontecendo com aqueles que estão na busca pelos sacramentos da eucaristia e da confissão. A catequese, bem construída entre os seus membros, tem função vital no processo evangelizador. Por isso, a evangelização se dá de forma integral, une-se a história da Igreja e sua doutrina, ensinando sem perder o fundamento da verdade. Assim, a evangelização acontece em processo de conscientização até chegar aos frutos de participação e adesão à fé e ao discipulado.

3 Sacramento da eucaristia e sua ação evangelizadora

Os sacramentos estão ligados à espiritualidade da Igreja, eles realizam fielmente a experiência salvífica de Deus, têm como objetivo levar ao conhecimento de Deus e sua verdade. Dentre os sacramentos, destacamos a eucaristia – em que há a doação de Cristo de forma viária, dado como corpo e sangue, e em memória, dando a continuação à Igreja e ao discipulado – e a confissão – como marca importante do perdão, realizado no serviço evangelizador. Assim, a Igreja celebra os sacramentos na memória do Cristo que se entrega por cada um de nós, para transmissão da fé. Os sacramentos aproximam o fiel do Cristo vivo, ressuscitado e na Glória do Pai.

Em diversas participações e momentos na vida do fiel, os sacramentos levam a esperança de uma vida comunitária e em comunhão. A fé, confirmada na vivência dos sacramentos, leva à evangelização e ao vínculo com a Igreja peregrina. Reacende a inspiração e o vínculo com o dom inefável de Deus, realizando perenemente a administração sacramental, através da liturgia, em que se vivencia a doutrina, o ardor missionário e a esperança ao Céu. A ação sacramental deve-se construir em uma identidade catequética, organizando núcleos de preparação para o estudo e experiência com os sacramentos, nas escolas e nos diversos lares cristãos, motivando todos a uma completa compreensão da vida e missão da Igreja.

A catequese deve ser o instrumento eficaz para o conhecimento sacramental, tendo como objetivo mostrar o Cristo e a verdade de seu



Evangelho. Para isto, se fazem necessários métodos consistentes que apresentem a Doutrina, o Magistério e a Tradição, não manifestando algo meramente pessoal, mas sempre a Doutrina e a experiência em Cristo. Há diversos métodos na formação catequética que auxiliam na expansão do conhecimento, nas diferentes culturas, regiões e idades, utilizando meios próprios para cada tempo. Porém, não podem se limitar ao processo humano do testemunho.

Estes meios, bem utilizados, serão caminhos importantes para o avanço da fé e da espiritualidade dos participantes da Igreja. Uma adequada metodologia deve ter como suporte a instituição eclesial, contando sempre com a “autoridade dos bispos” (EN n. 44), e a formação dos catequistas deve estar de acordo com as “condições do mundo atual” (EN n. 44), trazendo linguagem e conteúdo que auxiliem na promoção da justiça e da caridade.

O projeto de evangelização deve frequentemente retomar as suas origens, apesar de respeitar as mudanças do tempo e das culturas. A catequese da Igreja deve manter-se sóbria, informando sempre o aspecto fundamental do Cristo. Os pastores devem continuar esta obra evangelizadora sendo criativos, mas cautelosos e expressando a essência da fé cristã, evangelizando com testemunho e “[...] fidelidade ao Senhor Jesus, testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade frente aos poderes deste mundo; numa palavra, testemunho de santidade” (EN n. 41).

Portanto, a liturgia da Palavra ocupa na evangelização “uma verdadeira sensibilidade espiritual” (EN n. 43), em que a homilia tem instrumento valioso para o discernimento espiritual dos cristãos que participam do Sacramento Eucarístico. Assim, os que celebram a eucaristia devem trazer a fidelidade de Cristo no

[...] ensino evangélico e fiel ao magistério da Igreja, animada por um ardor apostólico equilibrado que lhe advém do seu caráter próprio, cheia de esperança, nutriente da fé e geradora de paz e unidade. Muitas comunidades paroquiais ou de outro tipo vivem e consolidam-se graças à homilia de cada domingo, quando ela tem as qualidades apontadas (EN n. 43).

Na eucaristia, se renova a adesão e fidelidade a Cristo e à fé cristã, sinal do batismo e da experiência da Ressurreição, recordando o “sinal, não apenas da morte de Jesus, mas também para vida eterna para o Reino de Deus” (Pitre, 2015, p. 447). A eucaristia como centro da evangelização



da Igreja ajuda aos fiéis a resgatarem, na sua vida cotidiana, o encontro com Cristo, afastando-os dos pecados e legitimando-os como verdadeiras testemunhas do Reino dos Céus.

Na eucaristia, também se observa com clareza a ação da Palavra, que é eficaz momento de evangelização, de conhecimento de Cristo, em que se reflete não a eficiência de uma doutrina, mas a trilha do caminho de abertura do coração à alma do cristão. Percebe-se que o papel da evangelização “é de educar de tal modo para a fé, que esta, depois, leve cada um dos cristãos a viver, e não se limitar a receber passivamente, ou suportar os sacramentos como eles realmente são, verdadeiros sacramentos da fé” (EN n. 47).

Diante de todos os meios de comunicar a fé, temos então na eucaristia o centro da fé e a forma de evangelização que deve levar todos a conhecerem melhor o Cristo. Na liturgia, apresenta-se o método que deve ser bem celebrado e conduzido por aquele que celebra a missa. Porém, como se percebe na estrutura da exortação *Evangelii Nuntiandi* e em outros momentos de reflexão do Vaticano II, a liturgia é o meio que deve atingir o fiel com modelo criativo, na dinâmica das palavras e nas orações do rito eucarístico, provocando sentimento de comunhão e o melhor relacionamento com os demais, sendo todos compassivos e pacíficos e acolhendo as necessidades materiais e espirituais dos irmãos. E dando sempre testemunho do amor deixado por Cristo.

A Igreja celebra a universalidade e sua unidade com Cristo na eucaristia. Recebendo o Cristo diariamente, a Igreja entra em unidade com todos os povos da Terra, entendendo-se a eucaristia como elemento constitutivo da unidade em si e para os outros. Portanto, celebrar a eucaristia “significa único e do seu corpo único” (Donahue; Harrington, 2002, p. 30), perfazendo toda a história da Salvação, a comunidade dos santos, os fiéis defuntos e todos os vivos que pertencem à Terra. Evangelizando sistematicamente, a Igreja renova a ação de Cristo no mundo, depositando nele a esperança e o surgimento da paz e justiça entre aqueles que necessitam.

O sinal externo e disponível da Igreja encontra-se na doação eucarística que se renova todos os dias pelo dom do Espírito Santo. Esta ação se dá em doação diária, universal e apostólica, realizando a comunhão entre os diversos membros. A Igreja tem um chamado, a ser no mundo sinal da Graça de Deus:



A Igreja como “sacramento da Salvação universal” para toda a humanidade não só realiza o que ela é através da sua proclamação da Palavra de Deus, mas também por meio do testemunho de vida de seus membros. Este ponto é deveras muito importante para a fé em Deus, por parte de muitos de nossos contemporâneos, mesmo daqueles que labutam no meio acadêmico (França, 2009, p. 66).

4 A evangelização como patrimônio da Igreja

A expansão do anúncio da Palavra e a conversão dos pecadores assume na Igreja sua responsabilidade e objetivo. Ao longo dos séculos, foram superados vários desafios na identidade evangelizadora da Igreja. Em cada tempo histórico, em diferentes regiões e culturas, o processo evangelizador foi se adaptando, anunciando em grupos diferentes – como entre povos de regiões não cristãs, agnósticos e ateus.

Ao longo dos séculos, vemos a evangelização sendo difundida pela perseverança de diversos missionários, revelando o Evangelho “em uma relação com o plano de Deus” (EN n. 53). Este mandado missionário é intenso, sem rupturas, acontecendo perenemente, sendo inspirado pela mesma dedicação dos apóstolos que receberam o Espírito Santo e foram chamados para assumir a missão da Igreja. Diante da reflexão do Concílio Vaticano II e do documento *Evangelii Nuntiandi*, observamos:

É por isso que a Igreja conserva vivo o seu espírito missionário e deseja mesmo que ele se intensifique neste momento histórico que nos foi dado a viver. Ela sente-se responsável perante povos inteiros. Ela não descansa enquanto não tiver feito o seu melhor para proclamar a Boa Nova de Jesus Salvador. Ela prepara continuamente novas gerações de apóstolos (Paulo VI, 1975, n. 54).

Percebe-se que há diversos obstáculos, porém estes são e serão superados pelos missionários, na medida em que realizam seu encontro com Cristo e o desejo de saírem a pregar e anunciar. Os missionários testemunham o Cristo intensamente. Temos o exemplo de Paulo, convertido ao cristianismo, que, anunciando “essa mesma universalidade” (EN n. 49) e sofrendo as perseguições do seu tempo, não desistiu de evangelizar diversas comunidades. Ao nos identificarmos com Paulo, o anúncio se torna robusto e enfrenta quaisquer situações, indo aos lugares mais difíceis. Anunciar mesmo diante dos perigos, como nos diz a *Evangelii Nuntiandi*:



os anunciadores da Palavra de Deus são privados dos seus direitos, perseguidos, ameaçados e iluminados mesmo, só pelo fato de pregarem o seu Evangelho. No entanto, nós temos confiança de que, apesar dessas dolorosas provações, a obra desses apóstolos finalmente não virá a faltar em qualquer região do mundo (EN n. 54).

O Evangelho de Cristo deve “[...] promover uma sociedade solidária marcada pela paz e pela justiça” (França, 2009, p. 35). Este ato de evangelizar é “individual e isolado” e ao mesmo tempo “profundamente eclesial” (EN n. 59). Por isto, mesmos sozinhos, aqueles que pregam, sejam sacerdotes, religiosos, missionários ou leigos, têm como missão sensibilizar os cristãos a serem, no mundo, solidários, pessoas de paz, que se doam inteiramente uns aos outros, tendo como sinal a compaixão deixada por Cristo.

A dinâmica da evangelização deve ser comprometida em todos os lugares, até nos mais pobres e longínquos. Os discípulos são inspirados a serem bons cristãos, com fecundo testemunho de vida, com equilíbrio de seus gastos e inseridos na cultura e na realidade econômica daquele espaço eclesial. Estes devem viver “[...] com simplicidade os valores evangélicos da solidariedade e da partilha” (EN n. 60). Toda a ação evangelizadora acontece em comunhão com os apóstolos. Assim, em todas as regiões “[...] a Igreja se sente responsável pela missão de difundir o Evangelho” (EN n. 60).

Logo, a evangelização é um chamado feito por Deus a cada cristão de maneira particular, dentro do seu espaço eclesial, mas também em áreas distantes, como em lugares ermos e em outros países. Os sacerdotes, religiosos e leigos têm como força a presença do Cristo, “aquela [força] que provém diretamente do Senhor” (EN n. 50).

5 O Espírito Santo na ação evangelizadora

O Espírito Santo é o guia, Ele conduz e é a essência da Igreja: “nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo” (EN, n. 75). O dia do Pentecostes, com a vinda do Espírito Santo, marca a partida dos apóstolos a fim de começarem a grande obra da evangelização da Igreja por todo o mundo. Paulo VI afirma que, mesmo que as técnicas para a evangelização sejam ótimas, sem o Espírito Santo nada acontece. É ele “o agente principal da evangelização: é ele, efetivamente que impele para anunciar o Evangelho, como é ele que no mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação” (EN n. 75).



Embora o Espírito de Deus tenha lugar de destaque em toda a vida da Igreja, pode-se perceber sua ação de modo mais contundente – e muitas vezes discreto – na missão evangelizadora de modo amplo. A presença do Espírito Santo está expressa também na espiritualidade cristã vivida por algumas pessoas não religiosas. Mesmo que elas não professem o Cristo, testemunham os propósitos deixados por Ele, tais como: caridade, amor, misericórdia, comunhão e fraternidade. Estas pessoas são anônimas em sua evangelização, sem atuação catequética intencional, mas apenas servindo os mais pobres e necessitados. Desejam apenas a “[...] diminuição dos sofrimentos alheios, num compromisso gratuito, desinteressado, altruísta” (França, 2019, p. 26). Desempenham seus trabalhos para o bem da humanidade, mesmo em um tempo carregado de individualismo. Esses exemplos de evangelizadores, que não são explícitos em uma atuação eclesial, extrapolam os indícios dos esquemas normais da evangelização, apesar de sintonizarem Deus e o projeto do bem da humanidade (França, 2019, p. 26).

O Espírito Santo tem papel indispensável como agente principal da evangelização. Sem ele, o anúncio se torna vazio. A “[...] ação do Espírito Santo tem por finalidade a realização do Reino de Deus, dando continuidade na história à razão última da atividade de Jesus” (França, 2019, p. 26), confirmando o que afirma Paulo VI: “[...] que o Espírito Santo é o agente principal da evangelização” (EN n. 75). É Ele que impele a Igreja a anunciar e penetrar o Evangelho nos corações da humanidade, discernindo a situação do tempo presente, e nos ajudando a refletir a melhor qualidade da evangelização.

6 A Exortação Apóstolica *Evangelii Gaudium* retomando e renovando a *Evangelii Nuntiandi*

Trinta e oito anos depois da *Evangelii Nuntiandi*, a Igreja recebe a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* – A alegria do Evangelho – datada de 24 de novembro de 2013, no primeiro ano do pontificado do papa Francisco, apresentando os caminhos que motivam a Igreja na condução dos processos de evangelização a partir da alegria encontrada no Evangelho (EG n.1).

A *Evangelii Nuntiandi* estabelecia que a evangelização é a missão perene e essencial da Igreja, sendo anúncio explícito de Jesus Cristo e convite à conversão pessoal e comunitária. A *Evangelii Gaudium* reafirma



esse caráter missionário da Igreja, insistindo na alegria do Evangelho como força que impulsiona a missão e atualiza a abordagem evangelizadora considerando os desafios do século XXI, como o individualismo, a exclusão social e as crises econômicas e culturais.

No documento *Evangelii Gaudium*, há diversas recomendações advindas do Evangelho, no contínuo processo de diálogo com a sociedade, mantendo a fidelidade à Palavra. O papa Francisco faz uso de nova linguagem, mais acessível, sendo também sóbria. Esse tom pastoral e acessível da *Evangelii Gaudium* pode ser visto como um desenvolvimento do discurso da *Evangelii Nuntiandi*, avançando na percepção da autenticidade do testemunho de vida autêntico do cristão (EN n. 21), com linguagem mais direta e convite à participação ativa dos fiéis na missão.

Pela linguagem, mais popular, a *Evangelii Gaudium* torna mais fácil a compreensão do Evangelho hoje. Evita, assim, certos afastamentos que se faziam, seja por motivo religioso, seja político, embora também indique atitudes que tenham influência religiosa e até política na condução do mundo com responsabilidade. Mesmo expressa com linguagem simples, traz uma profunda aplicação do Evangelho, apresentando uma evangelização ao mesmo tempo inculturada e com uma mística popular. O desejo do papa é uma Igreja que esteja ligada ao povo e promova o bem comum, sem que fique fechada ao mundo:

O verbo posto no centro da reflexão é “sair”. Que as Igrejas tenham em todos os lugares “as portas abertas” para que todos aqueles que estão em busca não encontrem “a frieza de uma porta fechada”. As portas dos sacramentos também nunca devem se fechar. A própria eucaristia “não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos”. Isso determina “também consequências pastorais, que somos chamados a considerar com prudência e audácia” (47). Muito melhor uma Igreja ferida e suja, que sai pelas ruas, do que uma Igreja prisioneira de si mesma. Que não se tenha medo de deixar-se inquietar pelo fato de que muitos irmãos vivem sem a amizade de Jesus (49) (Valli, 2013).

O Evangelho deve ser um marco de acontecimento que renova toda a dimensão social e humana. Aqueles que são tocados pela mensagem, mesmo não sendo cristãos, mas que seriam “praticantes da Palavra”, poderiam ser influenciados a escutar também, inclusive para, de certo modo, renovarem seu viver e se tornarem, por vezes, atentos às sugestões do papa sobre contribuir para soluções de problemas atuais. A



proposta do Evangelho nunca envelhece. A evangelização sempre tem um significado atual e mesmo atravessando os períodos mais obscuros traz consigo uma novidade. Portanto, “toda a ação evangelizadora autêntica é sempre ‘nova’” (EG n. 11). O papa Francisco deixa claro que, mesmo que os documentos eclesiais não tenham o mesmo resultado esperado da ação pastoral do passado, essa exortação vem apresentar “meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária” (EG n. 25). Este forte esforço em favor da missão de evangelização deve ter uma linguagem que consiga mostrar o sentido da realidade com uma formulação mais clara para os fiéis e que os faça compreender (e vivenciar) o Evangelho apesar da forte mudança cultural por que passa a humanidade.

Na Exortação *Evangelii Gaudium*, observamos uma Igreja disposta a acolher e inculturar na evangelização, não supondo lugares e pessoas, mas sim uma realidade permanente de testemunho cristão, principalmente junto aos mais pobres. É necessário viver a fé em uma realidade presente, mesmo existindo uma certa bipolaridade entre a ideia e a realidade no contexto humano.

Do mesmo modo que inspirou e baseou a *Evangelii Nuntiandi*, os documentos do Vaticano II são embasamentos importantes para a construção de todo pensamento teológico do papa Francisco, além de outras iniciativas suas apresentadas no texto da exortação, como exemplo de seu trabalho pastoral em Buenos Aires. Esta maturidade teológica do papa tem importante papel para fomentar diversos aspectos do seu trabalho pastoral humanizado, desempenhado não apenas para a realidade latina, mas na extensão da Igreja do mundo todo e da sociedade.

A virtude teológica da pobreza faz com que o papa Francisco proponha à sociedade que busque pautar sua vivência humana com uma profunda responsabilidade comunitária. A exortação faz com que o ser humano possa ser visto em sua integridade, como ser desejado e criado por Deus. Ao levantar a questão sobre o consumismo, percebe-se a lógica do Evangelho. A pobreza deve ser vista como bem dado ao cristão para que pense nas suas atitudes de acumulação e descarte. As medidas apontadas na exortação fazem perceber que, em muitos casos, o ser humano desconsiderou o anúncio do Evangelho com as suas consequências – como no caso de seguir a pobreza evangélica. Por isso, essas consequências fizeram com que a vida humana passasse também a ser um bem de consumo descartável, gerando mais exclusão por causa



de uma pobreza econômica. Refletindo as condições sociais agravadas no século XXI, a exortação *Evangelii Gaudium* insiste na compreensão da pobreza não como a exclusão dos pobres, apresentando diversos temas importantes que circundam esse eixo (Scannone, 2017, p. 205).

A *Evangelii Gaudium* é capaz de mostrar o dinamismo profundo da linguagem do Evangelho e as razões de promover uma religião, em trazer o sentido último, fala também de uma preocupação com as dimensões humanas que precisam ser novamente revisitadas e restauradas, como estas mencionadas pelo teólogo Mario de França Miranda: “[...] Palavras como participação, descentralização, diálogo, espírito de serviço, sensibilidade humana, proximidade aos pobres e marginalizados brotam de sua preocupação central com o Reino de Deus” (Miranda, 2014, p. 185).

O papa Francisco fala com esta teologia do povo, ou dada ao povo de Deus, com suas nuances nas questões sobre diálogo, descentralização e outros pontos. Esses pontos servem para perceber o dom da salvação confiada ao povo de Deus, pois se vislumbra uma valorização pastoral do serviço eclesiológico na realidade dos mais pobres. O dom gratuito da salvação é dado, não de maneira isolada, mas sim confiado àqueles convocados a serem Igreja, e Igreja com os pobres. Portanto, a teologia do povo tem forte sintonia com a convocação dos fiéis em fraternidade na Igreja. A salvação não se dá de forma isolada nem por esforço próprio. O Evangelho deve ser vivido não com medo, sugere o papa, mas dizendo: “o Senhor te chama para seres partes do seu povo” (EG n. 113).

A experiência pastoral do papa Francisco, advinda da época de sua pastoral na Argentina, é relatada com muita propriedade no texto da EG, apresentando uma teologia do povo. O discurso e ação mostram uma linguagem simples e ao mesmo tempo uma singularidade que difere de outros documentos exortativos. A teologia do povo contida em toda a extensão do conteúdo da *Evangelii Gaudium* faz perceber que todo caráter tem a proposta de vincular a linguagem simples a uma vida também simples e vocacional do papa. Assim, a evangelização a partir do Evangelho se dá no gesto de muita identificação com o acolhimento que Francisco faz com sua própria vocação. Ele se mostra como aquele que dirige a Igreja e, ao mesmo tempo, como homem que segue as pegadas da pobreza com alegria de Cristo.

O povo fiel, portanto, deve anunciar “[...] a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos” (EG n. 21). Deve ter a intenção de ir ao encontro dos pobres, “[...] sair da própria comodidade



e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG n. 20). Anunciar não só em palavras, mas nos gestos e atitudes daquele que caminha e semeia de um modo totalmente apaixonante, como os que experimentaram o encontro com o Senhor. O projeto da Igreja deve ser fiel ao Evangelho. Esta sempre foi a principal preocupação de vários papas, mas Francisco não quer fazer apenas com que este Evangelho seja lido e crido dentro da Igreja, mas deseja “impactar positivamente muito mais outros setores da sociedade” (Aquino Jr., 2019, p. 65).

A transmissão do texto do Evangelho, seja este anúncio em obras, seja em palavras, não deve ser excluyente, deve ser semeada de modo igualitário a todos grupos ou organismos pelas raízes da Trindade, que reúne Pai, Filho e Espírito. A Igreja segue a Palavra do Evangelho de modo peregrino e evangelizador, e o povo de Deus, em cada cultura em que está inserido, reconhece o rosto de Cristo e sua obra de misericórdia. Distingue o projeto de Deus na sua convocação e percebe a forma com que Ele age junto à humanidade. O povo de Deus deve ser motivado a cultivar os critérios que fortalecem sua identidade cristã e os laços da comunidade, compreendendo as “[...] diversas expressões da vida cristã” (EG n. 115) através da noção de cultura, fortalecendo as mais diversas formas de relacionamento das pessoas entre si e com Deus. Tendo Cristo na caminhada, e com o Espírito, sustenta-se este corpo místico que se faz Igreja, que deve refletir as culturas em que está inserido.

A teologia contida na EG quer levar à experiência da Palavra de Deus, sobretudo sobre a Revelação da promessa que Deus faz aos pobres e humildes. O papa percebe os valores de uma pastoral inserida junto aos pobres, pois esta promove uma conversão dos modos de vida da sociedade. A teologia do povo mostra seu discernimento como jesuíta, e o seu respeito às diversas culturas. O teólogo Juan Carlos Scannone faz uma reflexão a respeito da atuação de Francisco como jesuíta a serviço da Igreja:

A meu ver, o sentido espiritual do momento propício para a decisão correta, seja ela existencial, interpessoal, pastoral, social ou política, faz parte do carisma inaciano, intimamente ligado ao discernimento dos espíritos. Em sua teologia, [reconhece] a importância para profetas, pastores e políticos, e é conhecido por suas análises geopolíticas e por sua interpretação cristã dos sinais atuais dos tempos e da Igreja latino-americana como já deveria ser Igreja fonte. Por sua parte, Bergoglio,



como jesuíta, participa desse carisma e discernimento e conhecia os mencionados aportes teóricos desses pensadores (Scannone, 2017, p. 209).

A expressão dessa teologia é vista na própria linguagem usada na *Evangelii Gaudium*. Há uma dinâmica especial ao convocar os cristãos para uma profunda adesão ao Evangelho. O papa, de modo simples, porém bem direto, mostra a preocupação pedagógica em apresentar um ser humano que busca desenvolver suas potencialidades. Assim, como já indicava Paulo VI para o cuidado com a linguagem (EN n. 63), Francisco propõe a reformar a Igreja baseando a evangelização “[em] uma linguagem que os destinatários compreendam, para não correr o risco de falar ao vento” (EG n. 158). Neste importante aprendizado, advindo de um processo histórico, em que o sujeito pode ficar marcado pela liberdade, em suas escolhas e projetos, se percebem experiências concretas das diversas etapas de um “caminho de formação e amadurecimento” (EG n. 160).

A Igreja precisa ter na evangelização uma linguagem clara, sem distorções ou divisões, fecundada sempre pela unidade e recíproco cuidado em suas falas e decisões. Deve ser sempre sinal de esperança, trazendo uma Igreja que vive da comunhão do Cristo. Os membros devem sempre estar unidos, não provocando escândalos – em relação à política ou corrente espiritual. Precisam estar ligados a um mesmo projeto comum, oferecer o Cristo, dado em esperança da Boa Nova e da alegria renovadora no mundo.

Mostrando a interconexão entre os dois documentos da Igreja, o papa Francisco cita a *Evangelii Nuntiandi* em sua exortação, reconhecendo-a como importante documento pastoral para o anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo. Quase 40 anos depois, as temáticas e prioridades da exortação de Paulo VI são reafirmadas e reinterpretadas para um contexto diferente, ressaltando a atualização de uma missão que permanece constante. Ambos os papas deixam evidente, entretanto, que a origem e o objetivo da evangelização são sempre os mesmos. Para Paulo VI: “Jesus Cristo é o primeiro e maior dos evangelizadores... e a evangelização é essencialmente uma oferta da Boa Nova da salvação, chamada a ser acolhida com fé” (EN n. 7). Para Francisco: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que encontram Jesus...” (EG n. 1, 7). Anunciar Jesus Cristo não é propor uma doutrina, um sistema, uma filosofia, mas é dar a conhecer quem traz, em todos os tempos, caminhos de paz e conversão para a humanidade.



Conclusão

Observamos que o texto dirigido à Igreja por Paulo VI, no ano de 1975, torna-se bem atual em um mundo ferido pela divisão, cujos conflitos atrapalham a paz entre os povos. O documento *Evangelii Nuntiandi* apresentou a força renovadora do mundo através da evangelização. A Igreja, voltando à sua identidade original vinda de Cristo, batizado e peregrino, se renova para exercer no mundo o mandado tal como Cristo determinou.

A evangelização pressupõe um amor fraterno, gerando sempre o crescente desenvolvimento de características pessoais, vindas do amor de Cristo. O amor animará a evangelização, sendo este o “[...] sinal de amor e preocupação de comunicar a verdade e de introduzir a unidade” (EN n. 79). Entre aqueles que evangelizam, é muito importante o cuidado com os outros, principalmente na forma de falar, para não serem mal interpretados, respeitando a situação religiosa e espiritual das pessoas a quem se evangeliza. É ainda importante o respeito ao ritmo de cada um, e que os evangelizadores estejam convictos do modo de falar e agir. Teremos então uma Igreja que evangeliza pelo amor e exemplo.

Nessa trajetória de 50 anos da publicação da exortação de Paulo VI, vimos que o tema da evangelização continua pertinente, pois é central na missão da Igreja. Apontamos a *Evangelii Gaudium* como um desenvolvimento pastoral e missionário da *Evangelii Nuntiandi*, que mantém a teologia e as diretrizes da evangelização, mas atualiza formas e desafios, tornando o anúncio do Evangelho vivo, urgente e acessível para a Igreja e o mundo contemporâneos.

É importante que a evangelização aconteça no mundo e na Igreja. E isso só será possível se não afastar “o fervor espiritual” (EN n. 79), que precisa ser alimentado todos os dias, com oração, leitura e escuta do Evangelho, e participação sacramental. A evangelização começa no coração daquele que prega e vai aos diversos lugares evangelizar.

Referências

AQUINO JR., F. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas; Recife: Unicap, 2019.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.



DONAHUE, Jonh R.; HARRIGTON, Daniel. *The Gospel of Mark*. Colledgeville: H. Michael Glazier Book, 2002.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013.

RATZINGER, Joseph. *Obras Completas*. VIII-1. Iglesia Signo entre los pueblos. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2015.

LACOCQUE, André. *Jesus the Central Jew*. His Times and His People. Early Christianity and its Literature. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2015.

MIRANDA, Mario de França. *Igreja e Sociedade*. Paulinas: São Paulo, 2009.

MIRANDA, Mario de França. *Vislumbres de Deus*. Paulinas: São Paulo, 2019.

KASPER, Walter. *La Iglesia de Jesucristo*. Escritos de eclesiología 1. Obra Completa de Walter Kasper, Volumen 11. Sal Terrae: Santader, 2013.

PAULO VI. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*. Vaticano: Tipografia Vaticana, 1975.

PITRE, Brant. *Jesus And The Last Supper*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2015.

SCANNONE, Juan Carlos. *La teologia del pueblo*. Raíces teológicas del papa Francisco. Navarra: Sal Terrae, 2017.

VALLI, A. M. Um Guia para a *Evangelii Gaudium*. Trad. Moisés Sbardelotto. *IHU online*. 26 de novembro de 2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/?id=526119>. Acesso em: 11 jul. 2025.